

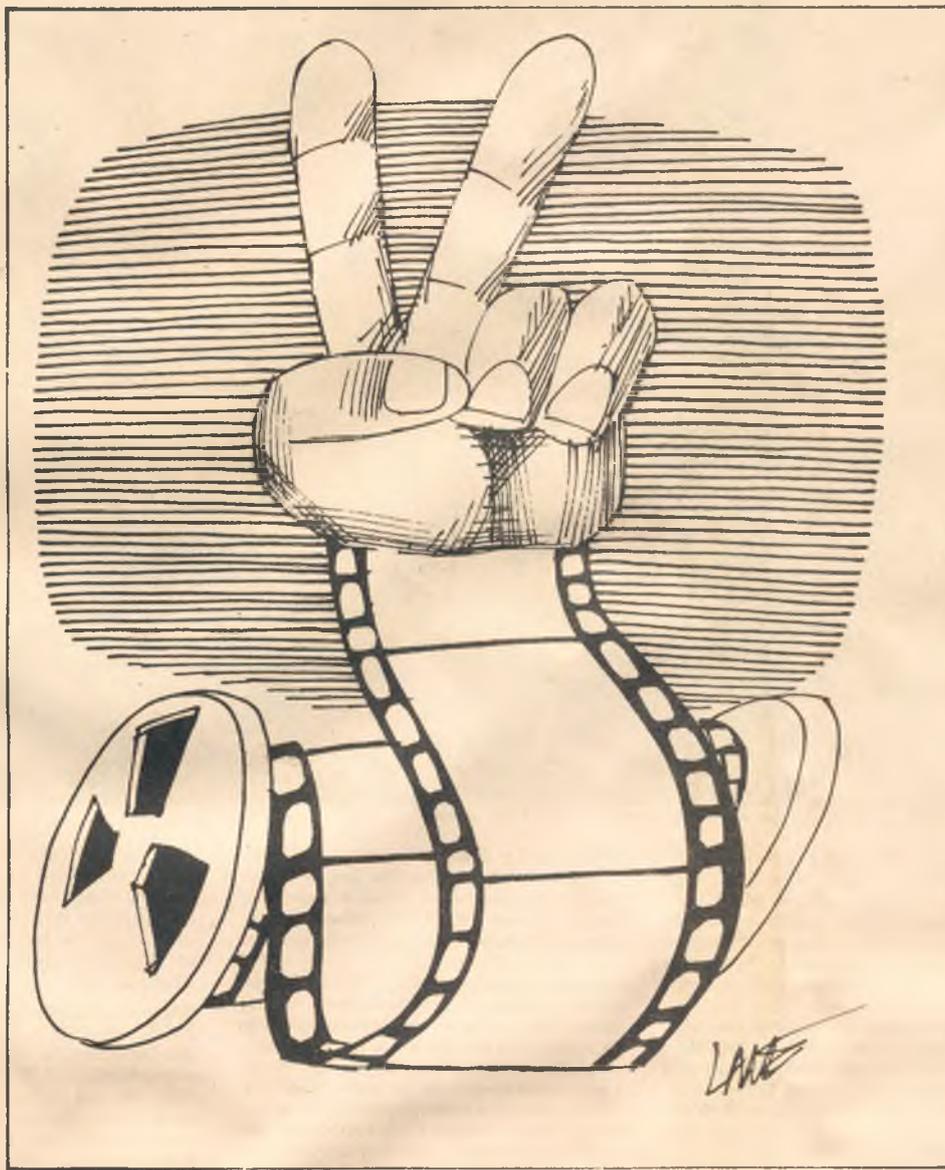
## PAUTA LIVRE

# A vitória de Conterrâneos no exterior

VLADIMIR CARVALHO

**N**ão deixa de ser estimulante para quem, como nós, se desgarrou pela Europa, no encaço de festivais de cinema e contatos com organismos e pessoas da mesma área, verificar o interesse e a curiosidade que ainda subsistem em relação ao Brasil como produtor cinematográfico. Mesmo quando é consabido aqui como lá fora o estado de falência quase absoluto de sua capacidade de realizar. Longe vai o tempo em que, impulsionados pelo apoio da Embrafilme, os nossos cineastas trabalhavam os espaços internacionais, no rastro promissor de inúmeras premiações em mostras importantes, como foram os casos de Cannes, Berlim e Veneza (leia-se Gláuber, Walter Lima Jr., Ruy Guerra, Leon Hirzmann, Joaquim Pedro de Andrade e Cacá Diegues).

Agora sobrou-nos apenas os ecos longínquos desses triunfos e o panorama desolador herdado da política de terra arrasada de um governo delinqüente. Antes o mundo já aprendera a consumir a imagem de um país em transe, mostrado até suas entranhas, com o vigor cultural de uma civilização desconcertante, contundente e bela até na discussão de seus aspectos mais negativos, como a miséria e o subdesenvolvimento. Hoje o Brasil se ressentido dessa ausência no mundo: no lugar de sua imagem tão poderosa levada pelo cinema aos quatro cantos do planeta o que existe é uma lacuna e o constrangimento de seus homens de cinema que não têm condições de atenderem às solicitações de todos aqueles que se acostumaram com suas presenças ativas. No entanto, esses nossos interlocutores continuam a esperar pela nossa ação e, pelo menos no raio de atuação do documentário, têm-se multiplicado com a criação de novos festivais e mostras espalhadas por vários países da Europa. E ao lado da competição oficial e de sessões especiais e *hour concours*, ainda reservam para o cinema da América Latina um espaço de discussão com a presença de muitos de seus realizadores, o que tem contribuído para que a presença brasileira não seja totalmente descartada desse cenário tão importante para a sobrevivência ou revigoração do nosso cinema tão bem recebido e prestigiado em outros tempos.



Esses pontos de apoio e esses amigos, por força de sua própria dinâmica, terminam por nos colocar numa posição em que temos de redobrar em esforços para atendermos às suas expectativas. Desde Bilbao, na Espanha, Florença (Festival dei Popoli), Genebra (que recentemente premiou Helena da Rocha com seu filme sobre Bispo do Rosário) até Leipzig, na Alemanha, Toulouse, na França e Fribourg, na Suíça, as oportunidades e os pedidos de filmes chegam e não raro geram um sentimento de frustração pela falta de produção recente ou de cópias disponíveis. O nosso caso com relação ao Festival Cinéma du Réel, de Paris, ilustra esse carinhoso interesse por parte deles e as dificuldades em atendê-los de nossa parte. Ultrapassados os prazos de inscrição e remessa

de cópia de *Conterrâneos Velhos de Guerra* no início do ano, não tínhamos mais esperanças de participar daquele que é o mais importante e concorrido certame de filmes documentários do mundo, uma vez que ainda não dispúnhamos da cópia legítima em francês.

Numa visita informal e despretenhosa a Suzette Glenadel, no comando do Festival, no Centro Pompidou, de repente nos vimos enredados nas malhas de uma simpática acolhida, dela e de toda sua equipe. Ficamos sabendo que ela conseguira com o crítico Robert Grellier uma cópia cassete do filme e que nos "caçava" desesperadamente através de inúmeros telefonemas e fax despachados para o Brasil. Ela dispensaria tudo menos deixar de exhibir o filme no Cinéma du Réel, aliás como único representante do Brasil.

Ali mesmo, numa ação rápida (ela é do tipo *mignon* que esconde uma insuspeitada usina de energia e jovialidade) acertamos a inclusão *hour concours* do *Conterrâneos* iniciando uma cruzada, com Cosme Alves Neto na linha para trazer do Brasil a cópia já a essa altura legendada, e eu lhe dava a minha palavra de providenciar junto a RioFilmes a remessa de todo material necessário ao catálogo e à divulgação. A decisão de Glenadel tinha que ver também com sugestão que lhe foi feita por Paulo Paranaguá que vira o filme no Rio e de cara o selecionara para o Festival de Toulouse, por ele coordenado. Voltei para minha base em Lisboa, onde iniciara contatos com a TV e a cinemateca portuguesas, para uma semana depois receber honroso e inesperado comunicado de Suzette Glenadel, convidando-me para integrar o júri internacional do festival, antecipando minha volta a Paris, pois só pretendia ali estar na véspera da exibição do meu filme. Aceitei o chamado encarando-o mais como uma distinção ao cinema brasileiro, um habitué da mostra, do que propriamente aos meus pobres dotes pessoais.

E assim foi: um mês após, em março último, enfrentava uma maratona para apreciar meia centena de filmes, à razão de oito por dia. A tarefa nos foi imensamente suavizada não só pela qualidade dos filmes mas também pela companhia prazerosa da atriz Françoise Arnoul (célebre especialmente nos anos 50 quando trabalhou com Jean Renoir), de Lionel Rogosin, antológico documentarista americano, do crítico Dominique Noguez e da sempre ágil produtora Laure Adler, da TV francesa, que formavam o júri. Neste clima de trabalho intenso *Conterrâneos* foi exibido para uma casa cheia e ainda encontrei tempo para debater com um público interessado e solidário. Dois dias depois era novamente apresentado em Paris, desta feita no Cine Beaubourg com a presença maciça de brasileiros. No outro dia já nos encontrávamos em Toulouse para a exibição no animado festival que aquela comunidade vem realizando com sucesso já há cinco anos. Depois de Paris e Leipzig, Toulouse foi a terceira "estação" européia dos *Conterrâneos* pelo mundo. Festivais não faltarão e ainda virão para nós e para o cinema brasileiro.

■ Vladimir Carvalho é documentarista, autor de filmes como *O País de São Saruê*, *A Pedra da Riqueza* e *Conterrâneos Velhos de Guerra*.